

O ataque ao WTC na ótica de Debord e a guerra contra o Iraque como atualização do espetáculo

RESUMO

Este artigo propõe-se a incursionar por alguns dos caminhos teóricos percorridos por Guy Debord, que o levaram a constituir a categoria sociedade do espetáculo. O tratamento dado pela mídia à explosão do WTC, a possível guerra contra o Iraque e a passividade do consumidor de imagens permitem sua aplicação.

ABSTRACT

This paper follows some theoretical steps already taken by Guy Debord which led him to formulate the concept of the society of the spectacle. The media coverage about the attack on the WTC, the war against Irak and the passivity of the consumer of images are viewed from that perspective.

PALAVRAS-CHAVE (KEY WORDS)

- Sociedade do espetáculo (Society of the spectacle)
- Fetichismo da mercadoria (Merchandise fetishism)
- Alienação (Alienation)

Maria José L. Barreras*
Professora PUCRS

ESTE ARTIGO RESULTA de um momento de absoluta imobilidade e pânico quando, em tempo real, se assistiu à explosão da segunda torre do WTC, em 2001. Passados alguns dias e consumindo, de forma ininterrupta, todas as informações no maior número de mídias possíveis, pensou-se em convidar Guy Debord para uma interlocução.

O que diria ele sobre as imagens produzidas sobre o episódio? Como avaliaria o leitor ou o telespectador estarrecido?

O desejo de aproximar Debord aos acontecimentos representados nos media decorre de duas constatações: primeiro, diz-se que nunca o espetáculo foi tão explícito como então; segundo, em decorrência, nunca antes Debord e sua idéia de espetáculo foram tão referendados nos meios acadêmicos e na imprensa em geral.

O consenso parece existir: vivemos todos sob a espetacularização. Entretanto, a sensação que se tem é que a palavra espetáculo encerra, ela mesma, todo o seu significado. Equívoco. Guy Debord nos dá pistas de que não se pode trivializar as incursões que ele mesmo fez, como intelectual, pela filosofia, por exemplo. Referir-se ao espetáculo não nos remete imediatamente às imagens produzidas pelos canais de informação. Pelo contrário, exige que incursionemos primeiro a outro território: o mundo da produção.

A reflexão que trago aqui portanto se apropria do ataque às torres para reavaliar o conceito de sociedade do espetáculo – de

forma sucinta, sem dúvidas – e, ao mesmo tempo, para chamar a atenção de que a possível guerra contra o Iraque represente a reatualização do espetáculo, como o entende Guy Debord.

Informo que a primeira parte deste artigo foi produzida imediatamente aos acontecimentos de setembro de 2001. As últimas informações sobre a guerra atualizaram o que já havia sido feito e resultam em algumas considerações que se encontram na conclusão.

Setembro de 2001

Propor uma reflexão sobre Guy Debord e a “Sociedade do Espectáculo”, hoje, parece ser uma redundância. E o espetáculo não nos têm tomado inteiros nesses dias de explosão de torres, aviões: de explosão das pessoas? Nova York tem sido nosso cenário.

Imóveis durante muitas horas olhamos centenas de vezes as mesmas cenas, sob o mesmo ângulo – o que não suportaríamos em outros espetáculos -, e purgamos todas as paixões. Incredulidade, pânico, revolta, ódio e medo. Mas a câmara se desloca para as pessoas, que aterrorizadas, se jogam no vazio e aí passamos por vertigens, pena, desespero e choramos muito pelos mortos que não conhecemos, pelo tipo de morte escolhida. Teria sido melhor explodir? Ser soterrado? Teria sido melhor morrer queimado? Depois que as torres explodiram pudemos escolher as alternativas possíveis daqueles mortos que – vamos saber depois – provavelmente nunca terão um sepultamento digno. Esvaíram-se? Esmigalharam-se? As conjecturas - possíveis porque seguimos acompanhando o espetáculo na televisão, lendo nas matérias jornalísticas ou porque não desligamos nem o rádio, nem a tevê e, ao mesmo tempo, lemos todas as notícias possíveis nos fazem tremer e chorar. Morrer é sempre ruim, morrer sem o espetáculo final deve ser pior. A morte sem

a visibilidade do ritual deixa em suspenso o SER (será? Se não for situacionista nem isso era. Morreu alienado). Terá morrido? Voltará um dia? Transformou-se em alma como a prefeita Epifânia? Imobilizados pelo espetáculo estamos desesperados na solidão do medo e da dor.

Bem feito, exaltam alguns: país hegemônico dentro do sistema capitalista, faz terra arrasada da vida de bilhões de seres humanos. Afinal, além de controlar a economia mundial lançou bombas nucleares em Hiroshima e Nagasaki; nos anos 50 conduziu a guerra da Coreia; estraçalhou o Vietnã, costurou todas as ditaduras sul-americanas dos anos 70 e emprestou técnicos em tortura para auxiliar os torturadores tupiniquins; matou 70.000 civis na guerra do Golfo (e nem nos mostrou!). Essa descrição pequena de longe não mostra tudo o que os Estados Unidos fizeram e fazem. Bem feito, suspiram aliviados pelo que fizeram em seu lugar. Obrigado, situacionistas islâmicos! Será?

O tempo passa e o espetáculo é reaquecido pelos especialistas. Historiadores, sociólogos, especialistas em relações internacionais, filósofos; lingüistas; psicólogos e jornalistas de primeira linha discorrem sobre o atentado terrorista, e sobre o mundo que nunca mais será o mesmo. Historiadores orientalistas nos informam das especificidades do Afeganistão, das suas tribos e da sua guerra interna. Alguém conhecia os talebãs? Marca de jeans? Sorvete? Quem sabe um novo café? Os filósofos avisam sobre a ética: matar civis orientais transforma os democráticos ocidentais em terroristas; Noam Chomski, lingüista e judeu americano, acusa os Estados Unidos de instigarem os israelenses contra os palestinos (como é corajoso e justo, pensamos) e a psicóloga (com direito a foto grande e colorida) constata dos medos (in)conscientes e diagnostica que “quem evita viajar de avião ou frequenta prédios altos pode ter na catástrofe um motivo

para piorar seus medos” (Haggström, 29. Set. 2001 Z.H.– Caderno Vida – p. 1). Especialistas brilhantes que já chegaram à consciência? Seres desalienados? Afinal nos explicam do que não sabemos e não vivemos, telespectadores e leitores que somos de nós mesmos. E não é? Os americanos dizem que a guerra santa nos pegará, os islamitas confirmam. Morreremos alienados?

O que diria Guy Debord? É sobre ele e sua compreensão sobre a sociedade do espetáculo que pretendo discorrer.

Guy Debord: quem é ele?¹

Debord nasceu em Paris em 1931 e suicidou-se em 1994. Marxista, denuncia a sociedade baseada na produção de mercadorias, o fetichismo da mercadoria, a alienação. Como denuncia? Criando situações?

Em 1957 funda, com simpatizantes, a organização Internacional Situacionista e uma revista com o mesmo nome, onde são publicadas as críticas à sociedade do espetáculo, que teria sido erigida após a Segunda Guerra Mundial. Escandalizaram seu tempo. Na década de 60 aumentam seus seguidores e em 1968, na França causam furor ao propor a extinção do dinheiro e do Estado. Tiveram, e têm, a maioria de seus seguidores na Itália e na Espanha.

Em 1967, Debord publica a obra “A sociedade do espetáculo” e aí produz uma dura crítica social partindo da teoria marxista na qual coloca em relevo o conceito de fetichismo. Apresenta a sociedade capitalista no pós-guerra quando as relações entre os homens passaram a ser mediadas por imagens e estas imagens adquiriram a forma de mercadorias.

Em 1988, quando revisa a obra, reconhece sua contemporaneidade: nunca, como então, o espetáculo tinha envolvido a totalidade social de maneira tão assombrosa. A alienação das classes

e sua inércia frente ao movimento virtual das imagens já estariam previstas, e publicadas, há exatos 21 anos na obra “A Sociedade do Espetáculo”.

E quem é mesmo Guy Debord? Em seu panegírico nos conta assim:

“Quanto a mim, sem dúvida vivi como disse que deveria viver-se; e isto talvez haja sido ainda mais estranho entre as pessoas do meu tempo, visto que todas elas parecem acreditar que deviam limitar-se a viver segundo as instruções dos que comandam a presente produção econômica e a força de comunicação com que esta se armou” (Debord, sd: net) .

Como viveu? “Ora eu, [diz ele] sem salário dava o exemplo de procedimentos muitíssimo contrários [refere-se a profissões, às especializações]; coisa que per força se viu pouco apreciada “ (Debord, sd: net). E continua: “Se não encararem, como é óbvio, os meus emolumentos, mas tão só minhas competências, ninguém poderá duvidar que fui muito bom profissional. Mas de quê? Este terá sido o meu mistério, aos olhos de um mundo execrável” (Ibidem).

Debord conta das bebedeiras infundas; dos lugares que conheceu, e viveu, para fugir da Paris que sente destruída após 1970; das perseguições policiais em vários países e conta do seu retorno a Paris, quando “a maré dos destroços, poluições e falsificações acabou por cobrir a face do mundo”, e assim volta a sua cidade “...visto nada melhor fora dela haver resistido. Num mundo unificado, o exílio é impossível” (Ibidem).

Sendo assim, Guy Debord exime-se do que acusa a sociedade: não troca seu tempo por dinheiro, não é uma mercadoria. O panegírico é literalmente um auto-elogio à sua desalienação.

E qual o ideal situacionista? Dizem eles que o ideal situacionista “... é a participação imediata em uma abundância

apaixonante de vida mediante a mudança de momentos efêmeros conscientemente dispostos” e a seguir complementam que os situacionistas “consideram a realidade, desde o ponto de vista da totalidade como um método de construção experimental da vida quotidiana que pode desdobrar-se permanentemente com a extensão do ócio e com a desapareição da divisão do trabalho” (Internacional Situacionista. 1958: net).

O que propõem? “A partir de agora propomos uma organização autônoma dos produtores da nova cultura, independente das organizações políticas e sindicais que existem neste momento” e o papel do situacionista é o “de amador-profissional, de antiespecialista, até o momento da abundância econômica e mental no qual todo o mundo se tornará ‘artista’, num sentido que os artistas não alcançaram: a construção da própria vida” (Ibidem).

Jappe considera que Guy Debord levou,

“uma existência intencionalmente ‘maldita’ às margens da sociedade, sem um trabalho reconhecido, sem nenhum contato com as instituições, sem nunca ter freqüentado uma universidade, concedido uma entrevista ou participado de um congresso e, no entanto, conseguiu fazer com que fosse ouvido” (Jappe, 1997: net).

A sociedade do espetáculo: conceitos fundamentais

Aproximar-se da obra de Debord exige cuidados. Primeiro porque não se resume a uma crítica das mídias – não é uma teoria da comunicação – como parece ser à primeira vista. Em segundo lugar, porque ele vai buscar no sistema filosófico de Hegel, e na posterior releitura de Marx, a categoria de totalidade. Do jovem Marx destaca o fetichismo da mercadoria e a

alienação, auxiliado pela interpretação que lhes dá Georg Lukács: de O Capital destaca a forma valor.

Qual, então, o objetivo da obra? Anselm Jappe explica que é “mostrar que o espetáculo é a forma mais desenvolvida da sociedade baseada na produção de mercadorias – e no fetichismo da mercadoria” (Jappe, 1999: 15). Debord pretende construir uma teoria para combater o fetichismo que ele chama de espetáculo.

Esse projeto decorre da constatação de que: “Toda a vida das sociedades nas quais reinam as modernas condições de produção se apresenta como uma imensa acumulação de espetáculos. Tudo o que era vivido diretamente tornou-se uma representação” (Debord, 1997: 13).

No entanto, os espetáculos não se referem aos meios de comunicação “que são sua manifestação superficial mais esmagadora” (ibidem: 20) atualmente. Eles representam uma contemplação passiva de imagens, substituem o vivido em todos os lugares, não só nas mídias, por determinações externas já que “essa comunicação é essencialmente unilateral; sua concentração equivale a acumular nas mãos da administração do sistema os meios que lhe permitem prosseguir nessa precisa administração” (ibidem: 21). O espetáculo é uma totalidade pois representa a atividade social inteira. A arte, os partidos políticos, as ciências, a vida quotidiana, as paixões, os desejos humanos fazem parte dessa totalidade espetacular. São imagens falseadas, pois produzidas por uma parte da sociedade (comunicação unilateral) e submetidas ao consumo da totalidade social que as transformam em comportamento real: o vivido torna-se imagem da imagem tornada real.

A tese 24 complementa a primeira e contém, implicitamente, algumas afirmações que nos remetem a categorias fundamentais para a compreensão da obra de Guy Debord.

Em primeiro lugar, retirar os meios de comunicação da totalidade social já constituiria um erro irreparável, uma avaliação equivocada de quem utiliza Debord para estudar o espetáculo como fenômeno midiático. Os meios são construções sociais de uma sociedade que já é contemplativa, que já é fragmentada: “A separação é o alfa e o ômega do espetáculo” (Ibidem: 21)

Onde ocorreu essa separação? Justamente nas sociedades “nas quais reinam as modernas condições de produção” e que se apresenta como uma imensa acumulação de mercadorias: a sociedade capitalista em sua etapa industrial. Ali ocorre, pela primeira vez, a alienação, a separação do homem do produto do seu trabalho, dele mesmo e dos outros homens. O espetáculo reúne no espetáculo o que já está separado – representa a totalidade –, mas efetivamente apresenta ao indivíduo isolado um discurso de mão única que justifica a sociedade existente: fragmentada.

O espetáculo tem como objetivo a manutenção da ordem, da alienação, do princípio da não-intervenção: a reprodução dessa mesma totalidade. O espetáculo é o fetiche.

Aqui se passa a Lukács na tentativa de colaborar com a interpretação das teses de Debord. Apreender as categorias principais auxiliam a aproximar-se da sociedade de espetáculos.

Lukács parte do pressuposto que a única forma de desvendar a sociedade capitalista é começar por uma análise da mercadoria. Afirma que a questão do fetichismo – atribuição a um ser inanimado, como a mercadoria, poderes que não tem – “é uma questão específica do capitalismo moderno” (Lukács, 1989: 98).

Diferente dos períodos anteriores, quando os bens agregavam apenas o seu valor de uso e as pessoas se reconheciam como SER na produção desses bens, - e assim se relacionavam com as outras -, no capitalismo moderno tanto a produção da

mercadoria, quanto a sua troca alienam o ser.

Pensar em alienação, nesse contexto, significa pressupor uma essência humana. A alienação só vai existir quando a essência do homem estiver em contradição com o seu ser. Para Lukács, como para Debord (como para Hegel, eu diria), a essência humana é idêntica ao processo histórico como autocriação do homem no tempo. O homem como agente histórico: ação e não contemplação. Assim, o homem é o tempo.

Como ocorre a alienação e onde se perde a agência humana? No processo de produção de mercadorias, no qual o homem se perde de si e da gerência do seu tempo, da fruição do tempo.

Diz Lukács que a “universalidade da forma mercantil condiciona ... tanto no plano subjetivo como no plano objetivo, uma abstração do trabalho humano que se objetiva nas mercadorias” (Ibidem: 101). De que forma isso acontece? Segundo ele “por um lado o processo de trabalho é retalhado em operações parciais abstratamente racionais... o que destrói a relação entre o trabalhador e o produto como totalidade e reduz o seu trabalho a uma função especial que se repete mecanicamente” (Ibidem: 102). O trabalhador separa-se de si: não é mais SER por não se reconhecer como o agente da transformação.

O processo de trabalho que produz uma unidade como objeto – agora mercadoria – é fragmentado. E a fragmentação da mercadoria produzida é também, segundo Georg Lukács, “a fragmentação do seu sujeito” já que “o homem não aparece, nem objetivamente, nem no seu comportamento, em relação ao processo de trabalho como verdadeiro portador deste processo” (Ibidem: 103).

Alienado de si, o homem “está incorporado como parte mecanizada num sistema mecânico que encontra pela frente... a funcionar em total independência [e] a cujas leis têm que se submeter” (Ibidem: 103). Quanto mais aumenta a mecanização do processo de trabalho

“mais a atividade do trabalhador perde o seu caráter de atividade para se tornar uma atitude contemplativa” (Ibidem: 104).

A imobilidade contemplativa transforma as atividades dos homens em sua relação com o mundo, pois altera sua percepção do tempo: tempo e espaço transformam-se em espaço, que é o lugar do trabalho. O que passa a interessar não é mais a qualidade do tempo, agora “quantitativamente mensurável, cheio de ‘coisas’ quantitativamente mensuráveis (os ‘trabalhos realizados’ pelo trabalhador, reificados, necessariamente objetivados, separados com precisão do conjunto de personalidade humana), num espaço” (Ibidem: 104).

Lukács diz que, já atingido em sua personalidade, o homem carrega para o seu cotidiano o resultado de sua alienação na produção e, assim, “se torna espectador impotente de tudo o que acontece à sua própria existência, parcela isolada e integrada num sistema estranho”. Isolado de si e de todos os outros homens que se tornaram, também, “átomos isolados e abstratos” (Ibidem: 105) no processo de produção de mercadorias reificadas.

A alienação é prerrogativa do trabalhador? Claro que não! Lukács diz que a “metamorfose da relação mercantil em coisa dotada de objetividade” não se limita a transformar “em mercadorias ... todos os objetos destinados à satisfação de necessidades “ já que “imprime a sua estrutura a toda a consciência do homem”. Diz mais: foi o capitalismo “que pela primeira vez produziu, com uma estrutura unificada para toda a sociedade, uma estrutura de consciência – formalmente – unitária para o conjunto da sociedade” (Ibidem: 115/114). A consciência uniformizante, envolvendo a totalidade social, não reúne o separado, mantém em alienação o proprietário e o produtor. O proprietário opera segundo leis econômicas naturalizadoras – o mercado – e o produtor segundo a determinação dessas leis.

Burguesia (classe dominante) e

assalariados envolvidos pela mesma consciência. No entanto, tanto para Marx quanto para Lukács e Debord os proletários são a totalidade revolucionária.

Atualmente reafirma-se o que já estava posto: o fetichismo da mercadoria (hoje espetáculo), a alienação, o não SER, o fantasma de si próprio – a ver-se em imagens sem perceber a apropriação do seu tempo – no trabalho e mesmo no ócio. Continua a contemplação. O que muda são os fundamentos do espetáculo: são as renovações tecnológicas, a fusão econômica–estatal que trazem como conseqüências “o segredo generalizado ... o falso sem réplica ... e o eterno presente” (Debord, 1997: 175).

O valor de troca segue triunfando sobre o valor de uso das mercadorias e impondo-se como necessidade (teses 43 e 47)². A burguesia mantém-se como detentora do poder, entretanto, agora, com a força do espetáculo se apossa, também, do tempo livre (tese 6). A produção econômica, no modo de produção do espetáculo, transforma-se em fim: para reproduzir-se passa a criar e manipular as necessidades humanas. A publicidade faz o discurso manipulador (teses 13, 34 e 51).

Para Debord, o espetáculo incorpora todas as antigas alienações: a ilusão religiosa, a alienação instituída pelo Estado moderno, o dinheiro. O espetáculo é a ideologia materializada (tese 215). O espetáculo concentra, enfim, a alienação mais completa: é a abstração, em imagens, do que poderia ser o SER. No entanto, é assim que se apresenta: as imagens são os sujeitos. E serão as imagens – novos fetiches/sujeitos – que mediarão as relações entre os homens, incomunicáveis entre si. Eis o papel das mídias.

Morreremos alienados? O que diria Debord?

E o que diria Guy Debord sobre o espetáculo ocorrido em Nova York e

a atitude dos telespectadores? Como comentaria a participação, nas mídias, dos comentaristas especializados? Morreremos alienados? Serão os terroristas desalienados? Tento interpretar com todo o risco que assumem as interpretações.

A leitura me indica que ele não ficaria surpreso com nossas piedades. Solitariamente, passamos por todos os sustos e dores num incêndio que não acontece ao nosso lado, enquanto os suicidas morrem por nós. Morremos tantas vezes, na tragédia, quanto tantas vezes estivemos olhando para cada corpo que caía. Perdemos – alienados que somos – a dignidade de um suicídio fundador. A partir daquelas imagens dos sujeitos suicidas, qualquer suicida será imagem daquele sujeito. Perdeu-se a autoria de qualquer coisa na sociedade do espetáculo.

Quanto aos comentaristas, esses seriam escoraçados por Debord. Sempre odiou as especializações e as denunciou, tanto quanto Lukács. Este já dizia, em 1922, que os jornalistas, além de venderem “suas faculdades espirituais objetivas e coisificadas” também adotam “uma atitude contemplativa em relação ao funcionamento de suas próprias faculdades objetivas e coisificadas”. Completa acusando a “falta de convicção dos jornalistas, a prostituição de suas experiências e das suas convicções pessoais... [isso] só é possível como ponto culminante da reificação capitalista” (Lukács, 1997: 114/115).

Debord colabora: “O espetáculo é uma miséria, mais do que uma conspiração. E os que escrevem nos jornais do nosso tempo não nos escondem nada da sua inteligência: usam normalmente toda que têm” (Debord, 1975: net). Os intelectuais, segundo ele, “se vangloriam ... de uma ilusória participação pessoal no setor dominante da sociedade, através da posse de uma ou mais especializações culturais: isso o situa em primeiro plano”, mas a “alienação [que a cultura impôs à sociedade] consiste em fazê-los crer, desde o céu dos sociólogos [que estão] situados

num lugar por demais elevado na escala dos poderes humanos” (Debord, 1961: net).

E os terroristas serão alienados? Alguns historiadores dizem que os talibãs vivem, ainda, no medievo.

Outros ensinam que eles se encontram de um lado e uma imensidão de tribos que se estranham constantemente, do outro. São grupos de vários nacionalismos que brigam entre si, e todos contra os ocidentais democratas.

Hoje todo o Islã se organizaria a partir de um nacionalismo internacionalizado: Alá estaria em todos os pontos cardiais. Sua preocupação não é o consumo nem de mercadorias e nem de espetáculos.

Vistos assim, estão todos fora do mundo de produção capitalista, e estariam, também, fora do mundo das imagens. Incivilizados, diriam os iluministas. “Na deles”, fala um antropólogo mais à vontade. Criando situações, são desalienados, talvez dissesse Debord.

Outros os reconhecem como lixo que sobra de uma globalização econômica, excludente e cruel. Mas um lixo que não se aceita como tal: querem comer, viver e querem amar Alá. Sem a intervenção de quem gosta de seu petróleo e que, quando está de bom humor, os reconhece como exóticos. E nós, alienados, assistimos.

Março de 2003

Passados dois anos da explosão do WTC a guerra parece ser inevitável. Contra a falta de consenso da ONU, apesar da posição mais firme da França, Alemanha, da Rússia, da China e dos murmúrios dos países mais frágeis no concerto da economia mundial – em sua posição contra o conflito –, o presidente Bush avisa: “Não preciso de autorização para defender os EUA”. E explica: “O risco de não fazer nada, de esperar que Saddam se torne uma alma gentil, não estou disposto a aceitar” (ZH, 07. Mar. 2003: p.1). O que diria Debord?

Correndo o risco da imprecisão poderia se pensar que ele nos chamaria a atenção sobre as diversas especularizações que foram ocorrendo ao longo desses dois anos, cinco meses e alguns dias.

O ataque ao Afeganistão, a morte de jornalistas pelos talibãs, as mulheres encobertas por suas burkas reveladas pela jornalista Ana Paulo Padrão – e muitos espetáculos mais – colaboraram para que se mantivesse a alienação do produtor e do consumidor de imagens/mercadoria.

E a guerra? Essa já teve várias justificativas apresentadas pelos media na voz de jornalistas, cientistas políticos, especialistas em estratégia militar e na voz de presidentes dos países envolvidos. Contra ela, é verdade, multidões já foram às ruas erguendo a bandeira da paz. A paz-espetáculo, provavelmente retrucaria Debord.

Não é verdade, poderíamos responder! São sujeitos – os homens como sujeitos – que decidiram reaver o leme da história. Impossível.

Na ótica do situacionista vive-se, ainda, no mundo da produção de fetiches e, assim, o fulcro da alienação permanece intocado .

Notas

* Dra. em Comunicação – Profa. do Departamento de História da PUC-RS

1 Atualmente tem-se uma profusão de informações sobre Debord. Na internet, em html, encontra-se quase duzentas páginas sobre ele, sua produção, a dos seus colaboradores e textos críticos sobre a sociedade do espetáculo. Se acessarmos grandes provedores entre os quais www.yahoo.com.br, www.terra.com.br ou ainda www.uol.com.br, basta colocar Debord nos mecanismos de pesquisa que aparecerão várias indicações sobre o autor: grupos de estudos estão reinterpretando as teses de Guy Debord, na tentativa de estudar a sociedade midiática atual. Opto por utilizar, apenas a produção original de Guy Debord e dos situacionistas que constam no arquivo Situacionista Hispano, no site www.sindominio.net. A partir daqui colocarei como indicação a autoria acompanhado do signo net.

Encontra-se, ainda, o grupo alemão KRISIS, que publica uma revista do mesmo nome e que é o primeiro a resgatar a obra do autor. Na revista estão discussões que vão de Adorno, passam pelo fetiche da mercadoria, em Marx, até chegar à Guy Debord. Para encontra-los acesse-se: www.Terravista.pt (Krisis brasileira) ou a Krisis alemã; www.Krisis.org.

Entre os principais colaboradores da KRISIS está Anselm Jappe que escreve sobre a trajetória intelectual de Debord e nos indica caminhos para que se possa penetrar no labirinto de aforismos nos quais Debord nos precipita. Ler Debord na obra “Guy Debord” de Anselm Jappe, reduz metade da angústia.

2 Lembro que as teses interpretadas se encontram na obra “A Sociedade do Espetáculo”, de Debord (1997). Referências bibliográficas.

Referências

DEBORD, Guy. A sociedade do Espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

HAGGSTRÄM, Lourdes M. Zero Hora. Porto Alegre, entrevista concedida em 29. Set. 2001.

JAPPE, Anselm. Guy Debord. Petrópolis Vozes, 1999.

LUKÁCS, Georg. História e consciência de classe: estudos de dialética marxista. Rio de Janeiro: Elfos, Porto Portugal: Publicações Escorpião, 1989.

Zero Hora, 07. Março. 2003

www.Krisis.org.

www.sindominio.net.

www.terra.com.br

www.terravista.pt

www.uol.com.br